

## **MULHER, EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA**

**Ana Maria Jacó Vilela**

*(Professora adjunta do Instituto de Psicologia/UERJ)*  
*amjaco@uol.com.br*

**Daiane de Souza Mello**

*(Graduanda do Instituto de Psicologia/UERJ/ PIBIC CNPq)*  
*anedaine@hotmail.com*

**Lívia Siliprandi da Silva Ferreira**

*(Graduanda do Instituto de Psicologia/UERJ/ PIBIC CNPq)*  
*liviasiliprandi@hotmail.com*

**Maria Cláudia Novaes Messias**

*(Graduanda do Instituto de Psicologia/UERJ/ PIBIC CNPq)*  
*mariaclaudia\_novaes@yahoo.com.br*

**Willian Sérgio de Jesus Lucas**

*(Graduando do Instituto de Psicologia/UERJ/ voluntário)*  
*psicolian@yahoo.com.br*

### **Introdução**

Na pesquisa “Mulher e Psicologia: entre mulheres inventadas e inventoras na psicologia brasileira” investigamos as formas de atuação feminina em instituições que de algum modo foram relevantes para o processo de autonomização e consolidação da psicologia no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, entre 1930 e 1962, quando, finalmente, temos a regulamentação da profissão do Psicólogo.

Consideramos neste recorte o período marcado por acontecimentos como a Proclamação da República e a Revolução de 30, além do higienismo, onde a infância, “futuro da nação”, torna-se objeto de interesse geral e o “educar”, o principal meio de garantir a higiene mental e física e evitar a degenerescência.

Neste contexto, destaca-se a inserção da psicologia, enquanto saber científico que possibilita conhecer o indivíduo, visando encontrar a melhor forma de endoutriná-lo (PINTO, 2001). Ou seja, a psicologia se fez cada vez mais presente na e através da educação, com seus estudos, testes e técnicas, desvendando os processos mentais, o comportamento, a personalidade e as necessidades dos seres humanos. Facilitando, deste modo, a adequação dos métodos educacionais aos mesmos e visando com isso que a educação se tornasse o meio através do qual se pretendia transformar a nação, civilizando seus cidadãos, segundo os objetivos da época.

Assim, este trabalho analisa algumas transformações ocorridas, especialmente a partir da década de 30, na educação no Brasil, realçando aquelas que implicam na presença da psicologia no novo projeto educacional que se apresenta, também como traçando os atravessamentos entre mulher e psicologia.

Intenta-se compreender, portanto, como ocorreu a difusão dos saberes e práticas psicológicas bem como a participação feminina nos cursos de formação de professores que se tornaram referência na construção de uma nova ordem para a nação e uma nova identidade para o brasileiro.

## **O contexto histórico**

Conforme o avanço das investigações, constatamos maior presença de mulheres a partir de 1930 quando uma série de transformações econômicas, políticas e sociais, ocorridas na virada do século, levam a crescente industrialização e a projetos de modernização do país, que busca se desligar dos padrões europeus, além de higienizar, moralizar e educar a população, visando criar uma identidade para a Nação brasileira.

Neste contexto, a mulher, que exercia o papel de agente disciplinar dentro da família sendo responsável pelo cuidado dos filhos e do lar; fora do espaço privado passa a ter como função considerada ideal o magistério, exercendo então o mesmo papel, de mãe, sendo que em proporções maiores, construindo não apenas seus filhos, mas o novo cidadão brasileiro.

A necessidade de higienizar, disciplinar e ajustar as pessoas socialmente fez com que se tornasse fundamental que as professoras se preparassem de acordo com os preceitos da escola nova e tivessem estudos suficientes em psicologia, para terem capacidade de direcionar as divergências das crianças para um caminho considerado correto (PINTO, 2001).

Deste modo, a psicologia penetra nos discursos educacionais e no cotidiano da formação de professores emergindo como saber acerca do comportamento, das necessidades e das relações humanas.

O presente trabalho busca analisar o desenvolvimento da psicologia a partir da educação, buscando descobrir sua utilidade e, principalmente, os meandros da participação feminina nas propostas educacionais empreendidas pelos ideais escolanovistas, notadamente as consubstancializadas no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho – IEPIC e no Instituto de Educação do Rio de Janeiro- IERJ.

## **As instituições educacionais e suas histórias**

No recorte temporal de nossa pesquisa, percebemos que, em diversas instituições educacionais, iniciava-se ampla propagação da psicologia, visto que no momento ela ditava “verdades” sobre os seres humanos, sendo então considerada indispensável aos objetivos de formação da conduta exigida pela modernidade, formação esta que ficou sob responsabilidade da educação.

Neste sentido, considerando a busca por mulher e psicologia em instituições e tendo em vista a marcante presença de ambas em instituições educacionais, nos propomos a investigar os caminhos da psicologia na educação a partir de duas instituições específicas: O Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho – IEPIC e o Instituto de Educação do Rio de Janeiro- IERJ. A escolha destas se baseia na suma importância que tiveram para o projeto do país, visto a responsabilidade de formar os futuros educadores, os responsáveis por transmitir às crianças o conhecimento, mas, principalmente, os valores e regras da sociedade.

Vale destacar, que os Institutos de Educação que pesquisamos, criados na década de 30, não são mera continuidade das antigas Escolas Normais a que remetem, visto se referirem a uma nova proposta pedagógica (PINTO, 2001).

As origens dessas Escolas remetem à preocupação com o preparo de professores para a organização e instrução popular que emergem após a independência. Desde então, a educação é uma das principais políticas públicas, o que levou a que tanto a Escola Normal de Niterói – primeira Escola Normal do Brasil, criada em 1835 – quanto a da Corte – antiga Escola Normal da Corte, criada em 1880 – sofressem diversas modificações em suas estruturas, propostas e denominações acompanhando as várias

mudanças nas políticas governamentais – visto políticas públicas no Brasil serem, necessariamente, políticas estatais.

Segundo Pinto (2001), na medida em que surge uma série de normatizações pedagógicas apontando mudanças nas escolas primárias, torna-se necessário que exista também maior cuidado com a formação dos professores primários. É neste contexto que se inicia uma ampla reforma na Escola Normal, promovida por Fernando de Azevedo, durante sua gestão na Diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal (1928-1930), visando controlar a organização e funcionamento das escolas primárias, remodelar suas estruturas, fazendo com que se tornasse um curso de preparação profissional voltado para a formação de técnicos que se preocupem com a formação moral e higiênica dos alunos.

É a partir deste projeto de reforma, transformado em Lei do Ensino, em 1928, que Fernando de Azevedo torna a disciplina psicologia, introduzida em 1921, obrigatória nos currículos das Escolas Normais.

No contexto dessas transformações nasce, em 1930, a nova Escola Normal do Distrito Federal que, corresponderia às novas exigências educacionais, com projeto pedagógico diferenciado e infra-estrutura adequada, substituindo assim a antiga Escola Normal (LOPES, 2001).

Criada pouco antes do movimento que permitiria a ascensão de Vargas ao poder, esta instituição serviria de referencial para todo o país, inclusive porque nela se encontravam os mais bem-equipados laboratórios e salas de pesquisa, estando devidamente articulada à escola primária anexa, sendo, o próprio lugar (Lopez 2001), um campo de experiência para os futuros professores.

Pinto (2001) destaca que, com o Governo Vargas, a educação permaneceu estagnada até que Anísio Teixeira assume a Diretoria Geral de Instrução Pública do então Distrito Federal. De posse do cargo, Teixeira promove, entre 1931 e 1935, a Reforma de Instrução Pública, o exemplo mais sugestivo desse novo plano para a educação, com claro intento racionalizador. Neste, não só sintetizou-se as idéias de modernidade e de reformulação do país por meio da educação, como a escola a tornar-se o centro de ressonância desse projeto, que tem como diretriz a idéia de reformar a sociedade através da reforma do homem.

Assim,

“identificando-se com a vertente norte-americana da Escola Nova, encampando os princípios de liberdade de pensamento e expressão, respeito e incentivo aos talentos individuais, Anísio compreendia a educação como o instrumento mais perfeito, para promover mudanças visando inserir o país nos padrões de modernização econômica e social já atingida pelos países industrializados” (LOPES, 2006, p. 4).

No bojo dessas transformações, cria-se o Instituto de Educação do Rio de Janeiro, pelo decreto 3.810 em 1932, que passa a ser composto pela antiga Escola Normal e por uma Escola Secundária, uma Escola Primária, um Jardim de Infância e, ainda, uma Escola de Professores com formação de nível superior.

Segundo Lopes (2005), o Instituto de Educação é estabelecido a partir de preceitos da Escola Nova e do Manifesto dos Pioneiros (1932) por Anísio Teixeira e Lourenço Filho, que assume a direção do mesmo.

Neste sentido, Anísio articula a Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro à Universidade do Distrito Federal, também criada por ele, em 1935, de

modo que cabe à Escola a formação pedagógica dos professores formados nesta Universidade, como aponta Lopes (2001).

Segundo Martins (2000), o período de 1940 a 1960 foi considerado como “anos dourados” por apresentar uma forte busca pelo progresso com a reforma do capitalismo e a implantação de um novo sistema que visa desenvolvimento e bem-estar social. Ela aponta que todos estavam empenhados em instaurar os princípios e instituições democráticas na educação, tentando apagar as seqüelas do Estado Novo e recuperar a infância e revitalizar a formação do professor primário.

Esta autora destaca que especial atenção foi dada ao IERJ, visto que era uma síntese do trabalho de grandes nomes da educação: “Fernando de Azevedo, que elaborou a primeira reforma significativa, materializando-a num prédio de arquitetura arrojada; Anísio Teixeira que buscou unir ciência e arte na preparação do ofício de educar; e Lourenço Filho que operacionalizou a reforma anísiana” (MARTINS, 2000, p.3).

Assim, segundo Lopes (2007), neste contexto de democratização pós II Guerra Mundial, a Congregação de Professores – órgão criado em 1947 – acata novas propostas viabilizando os Cursos de Especialização e Aperfeiçoamento para suprir as deficiências do ensino normal e possibilitar ainda o contato direto com sua Escola Primária, que funcionava também como local de experimentações e pesquisas diretamente relacionadas ao Instituto de Pesquisas Educacionais – IPE –, órgão subordinado à Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal (RJ). A partir dele, teve início uma forte divulgação da psicologia como um campo de importância fundamental para a adaptação dos métodos educacionais à realidade vigente, sendo indispensável ao objetivo da formação de sentimentos, valores e ideais do novo homem brasileiro a que a instituição se propunha (PINTO, 2001).

### **Os atravessamentos entre mulher, educação e psicologia**

Em nossa investigação constatamos que, nestes Institutos de Educação, a psicologia se fazia presente não apenas por meio do método experimental e de testes psicológicos, mas por meio de disciplinas curriculares específicas, como Psicologia Educacional e Psicologia da Criança, no intuito de auxiliar na formação das futuras professoras com atitudes, hábitos, habilidades e conhecimentos psicológicos.

Assim, ao investigar a psicologia presente nestas instituições constatamos que a presença feminina foi marcante, porém pouco mencionada. A mulher, um dos principais focos de nossa pesquisa, destacou-se, visto que a ela foi designado, tanto pelo discurso biológico, quanto pelo discurso de utilidade social, o papel de educar e transmitir os valores morais, cívicos e higiênicos. Para tanto, os saberes psicológicos eram considerados fundamentais.

Tais conhecimentos eram transmitidos por professoras licenciadas em Psicologia, Pedagogia ou Orientação Educacional. Um personagem relevante neste sentido é Heloísa Marinho que, em 1934, lecionava no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, como assistente de Lourenço Filho na cadeira de Psicologia da Educação da Escola de Professores.

Entretanto, talvez o maior destaque deva ser dado a Iva Waisberg Bonow que, além de antiga aluna e, posteriormente, catedrática de Psicologia do IERJ - desde 1943 - foi ainda responsável pela criação do Gabinete de Psicologia que lá existia.

Utilizamos como base o livro “Psicologia Educacional e Desenvolvimento Humano: Fundamentos Psicossociais da Educação- Manual de Trabalhos Práticos: por um grupo de professores da Cadeira de Psicologia Educacional do Instituto de Educação

do Estado da Guanabara”, publicado sob coordenação geral de Iva, contando com a colaboração de diversos membros deste Gabinete de Psicologia, onde as professoras explicam a importância do estudo da psicologia para as futuras educadoras afirmando que, não sendo mais o aluno “um ser estático” manuseável pelo adulto e sendo agora o professor um “orientador de aprendizagens”, a psicologia se torna fundamental para que o educador possa orientar seus alunos facilitando seu ajustamento à sociedade.

A noção de indivíduo como unidade básica de análise e os procedimentos de classificação dos indivíduos apoiaram os procedimentos de mensuração das faculdades mentais através dos testes de inteligência, aptidão e personalidade, que passaram a ser o instrumento de trabalho dos educadores no Brasil. A classificação das crianças justificaria o poder regulador do Estado sobre cada uma delas e suas famílias. (NUNES, 1994).

Foram, dessa forma, criados espaços para crianças normais, para crianças débeis (frágeis de saúde), para crianças inteligentes e para crianças retardadas. Com a organização dessas classes homogêneas, visavam agrupar crianças com as mesmas capacidades de aprendizagem e desenvolvimento, como intuito de maximizar e potencializar suas faculdades (NUNES, 1994).

O Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM) do Departamento de Educação do Distrito Federal pertencia ao Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE) e foi criado em 1934, com a posse de seu primeiro e único diretor, o psiquiatra Arthur Ramos (1903-1949). Tinha como objetivos atuar nas escolas primárias da rede municipal, atendendo crianças que apresentassem problemas de adaptação, abordando seus possíveis desajustamentos psíquicos no lar e na escola, dentro dos ideais da Escola Nova e da Higiene Mental, objetivando prevenir, no pré-escolar, a eclosão de falhas de personalidade que poderiam determinar, no futuro, desregramento psíquico e social. Encerrou seus trabalhos em 1939, e foi substituído pelo Serviço de Ortofrenia e Psicologia (SOP) em 1940, destinando-se principalmente a diagnosticar os alunos com dificuldade de aprendizagem nas escolas, através do uso de testes de inteligência infantil.

A raça, a situação social e a sexualidade, por exemplo, são preocupações presentes nos trabalhos do Serviço de Higiene Mental e Ortofrenia, do Instituto de Educação e da Escola Normal de Niterói, cujos debates pedagógicos traziam em seu bojo, a concepção de que a marca moral do país era a degenerescência.

Será considerado como trajetória higienista o período que vai da constituição da medicina mental no Brasil em meados do XIX até as primeiras décadas do século XX, até a Segunda Guerra (1939-1945) mais precisamente. Período este que se caracteriza pela constituição e desdobramento de uma medicalização social, em que se insere a psiquiatria, então se construindo como um novo instrumento de poder e controle (AMARANTE, P. 1994). Sua prática se institui por meio da reorganização do espaço físico das instituições e cidades, além da produção de idéias moralizantes expressas através de novas formas de regulação e moralização das condutas humanas e dos fenômenos sociais relativos à saúde, saneamento e habitação, se constituindo como um poder disciplinar, tendo esses como dispositivos de controle político e social.

O Instituto de Educação do Rio de Janeiro e o Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho foram órgãos privilegiados na produção e reprodução dessa nova cultura pedagógica, e exigiam uma formação técnica com o aporte de novos conhecimentos capazes de forjar uma consciência que conjugasse bom senso a uma teoria sobre educação e a interiorizasse na prática cotidiana da vida escolar.

## **Considerações Finais**

Apesar de nossa pesquisa ainda estar em andamento, percebemos, a partir da análise bibliográfica existente, seja de material impresso ou digitalizado, e ainda a partir de entrevistas realizadas com algumas das personagens desta história, que a relação entre a mulher, a educação e a psicologia é bastante relevante. Como notamos por uma breve análise dos verbetes do *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil: Pioneiros*: a inserção feminina na psicologia ocorreu prioritariamente através das questões pedagógicas e, de certa forma, foi devido a esta relação que as mulheres puderam conquistar alguns espaços na área profissional (JACÓ-VILELA, 2007).

Em nossa busca por dados referentes ao Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho – IEPIC, antiga Escola Normal de Niterói encontramos, infelizmente, alguns entraves, ficando restritos a informações escassas sobre sua história. Entretanto, ainda estamos buscando contatar pessoas que pertenceram ou estudaram na entidade, de modo a construir parte dessa história apagada e resgatar suas personagens ocultadas.

Já no caso do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, mesmo com a vasta literatura acerca de sua história nos deparamos com uma escassez de fontes primárias que nos limitou a poucas informações, mas que nos serve de base para o prosseguimento da busca por este objeto que pretendemos desvendar. A exemplo disso destacamos a descoberta do Gabinete de Psicologia do IERJ criado por Iva Waisberg Bonow e do livro acerca do mesmo que oferece um rico conteúdo sobre a importância da psicologia produzida pelas mulheres da época para a educação.

Esta psicologia se constituía em um instrumento eficaz para analisar e entender a formação da personalidade e as ações e reações dos alunos, conhecendo amplamente seu desenvolvimento psíquico e os fatores que o influenciam, para então respeitá-los em suas individualidades, visando adaptar os métodos educacionais às condições de aprendizagem e assim educá-los de acordo com as normas e valores da sociedade.

Desta forma, conseguimos descobrir informações que nos comprovam a participação feminina na difusão da psicologia através da educação e a importância do seu trabalho, sendo este um estímulo e uma prova da relevância de nossa pesquisa.

Assim, a proposta do presente trabalho consiste não apenas demonstrar a forte relação que há entre psicologia, educação e mulher, mas resgatar a memória da Psicologia nestas instituições e, principalmente, resgatar a relevância da participação de mulheres que, como Iva, foram importantes na construção desta história, contudo caladas por esta.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. A. M. Manoel Bergstrom Lourenço Filho (1897 – 1970). In: CAMPOS, R. H. F. (coord.) *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil – Pioneiros*. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: CFP; 2001.

AMARANTE, Paulo (org). *Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes. Educação e Psicanálise: a criança problema na perspectiva de análise da obra de Arthur Ramos (Rio de Janeiro 1930-1940). Em *Práxis Educativa*. Paraná: UEPG, v.1, n.2, 2006. p. 65-76.

JACÓ-VILELA, A. M.; BARBOSA, C. F.; GONZAGA, A. S.; LUCAS, W. S.; MELLO, D. S.; SANTOS, D. F.; SILVA, L. L.. Busca em acervos no resgate das mulheres da Psicologia no Brasil: as instituições LBI, SOHM e SOP. In: XXVI

Encontro Anual Helena Antipoff / VII Encontro Interinstitucional de Pesquisadores em História da Psicologia, 2008, Belo Horizonte e Ibirité - MG. Boletim do CDPHA - Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. Belo Horizonte: CDPHA - ISSN 1806-1931, 2008.

JACÓ-VILELA, A. M.; MESSIAS, M. C. N.; OLIVEIRA, F. M.; ESPÍRITO SANTO, A. A.; CARNEIRO, F. D.; VALENTE, N. F.. Uma gestação silenciosa: a presença feminina nas instituições de psicologia no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. In: Ribeiro, M. A. T.; Bernardes, J.; Lang, C. E.. (Org.). A produção na diversidade: compromissos éticos e políticos em psicologia.. 1 ed. V. 1, pp. 231-266. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

JACÓ-VILELA, A. M.; MESSIAS, M. C. N.; SANTO, A. A. E. . "Construções" da mulher: do discurso médico à institucionalização da psicologia. In: Anais de Resumos e Trabalhos Completos do XIV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social- ABRAPSO, Rio de Janeiro, 2007 a.

LOPEZ, S. C.; A Gênese do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: <http://pt.shvoong.com/social-sciences/education/1693834-g%C3%AAnese-instituto-educa%C3%A7%C3%A3o-rio-janeiro/> Acesso em: 25/08/2008.

LOPES, S. C. Arquivos do Instituto de Educação: suporte de memória da educação nova no Distrito Federal (anos 30). In: Revista Brasileira de História da Educação. Campinas, SP: Autores Associados. n. 9, p.43-72, Jan/jul. 2005.

LOPES, S. C. Imagens de um lugar de memória da educação nova: Instituto de Educação do Rio de Janeiro nos anos de 1930. In: Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: ANPed, v.13, n.37, 2008.

LOPES, S. C. Instituto de Educação do Rio de Janeiro: lugar de memória do ensino no Brasil (anos 1930-40). In: Diálogos em formação. Revista do Curso Normal Superior do ISERJ. Rio de Janeiro: FAETEC, ano I, n.1, p.101-108, 2001.

LOPES, S. M. C. N.. Memórias em disputa: Anísio Teixeira e Lourenço Filho no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. In: 29ª Reunião Anual da ANPED, 2006, Caxambu. Educação, cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos, 2006.

LOURENÇO FILHO, M. B. (2002[1930]) – *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. Rio de Janeiro: EdUERJ/CFP.

MARTINS, A. M. S.. Os anos dourados e a formação do professor primário no instituto de educação do rio de janeiro (1945-1960). In: Revista Teias, Vol. 1, No 1, Rio de janeiro, 2000. Disponível em: [http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=view&path\[\]=18...20](http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=view&path[]=18...20)

NUNES, C. A escola reinventa a cidade. In: HERSCHMANN, M. M. & PEREIRA, C. A. M. (Org.). A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PENNA, A. G. Heloísa Marinho (1903-01994). In: CAMPOS, R. H. F. (coord.) Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil – Pioneiros. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: CFP; 2001.

PINTO, K. P. O Instituto de Educação do Rio de Janeiro e a Grande Reforma dos Costumes (1932-1938). In: Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, 2001.

VIDAL, D. G. Fernando de Azevedo (1894-1974). In: CAMPOS, R. H. F. (coord.) Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil – Pioneiros. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: CFP; 2001

WAISBERG, Iva. (Coordenadora geral). Psicologia Educacional e Desenvolvimento Humano: Fundamentos Psicossociais da educação- Manual de Trabalhos Práticos: por um grupo de professores da Cadeira de Psicologia Educacional do Instituto de Educação do Estado da Guanabara. 5ª edição revista e aumentada. São Paulo, Editora Nacional, 1972. PENNA, J. B. Damasco (Direção): Coleção Atualidades Pedagógicas, vol. 87.